

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

AOS REPUBLICANOS

Há sempre todo a conveniência em evitar confusões e falar com clareza.

Ainda acima da inteligência, tenho para mim que o que distingue mais profundamente o homem dos restantes e ilustres animais — é a imaginação, é a vontade, é o carácter. O carácter sobrepõe, ele impõe uma personalidade; distingue-a, definindo-a.

E o homem é, afinal, o grande obreiro da civilização. É ele só; porque é ele que pôde ter carácter. Ainda não fui verificar no Código Civil, mas é possível que a mulher já seja susceptível de direitos e obrigações. Mas... perante a letra expressa do Código da Natureza, só o homem é susceptível de carácter! E, apesar da grande, da enorme defecção masculina, expressa modernamente em modas exquisitas, que chegam a ser uma abdicação e que, em todo o caso, os diminuem, confundindo-os nas frivolidades femininas, — a verdade, felizmente, é que ainda estão em maioria os homens de carácter, os homens que não mudam de cara, tomada esta expressão em todos os sentidos. Ainda podemos confiar nos destinos do país — nos destinos da raça — porque a maioria dos homens em Portugal, tende mais para o sangue vivo de Nuno Álvares e de D. João de Castro, do que para a aguadilha, em que sobrenadam na história — a corte da senhora D. Carlota Joaquina e... o paposêco...

Apezar de tudo, sente-se a gente forte na convicção de que a República está definida. Sente-se vibrar a alma republicana numa grande maioria de homens de carácter. E o homem de carácter não trai nunca os seus princípios. As predilecções literárias ou artísticas os males íntimos, os tédios, as alegrias, as dores, por mais fundas que elas sejam, nunca logram perturbar a luz que a consciência de um homem de carácter projecta, incessantemente, sobre aquêles princípios que são a base, a estrutura, da sua personalidade intelectual e moral.

Pode o homem de carácter não ignorar a História, pode conhecer os erros dos homens e pode reconhecer como justificadas, as circunstâncias que êsses erros tenham determinado. Mas esse homem descerá do rés-do-chão, do sexto andar, da água-furtada até à rua — proclamará bem alto os erros cometidos — apontará os homens que os tiverem cometido e as consequências vivas dêsses erros; e desprezando, então, sobranceiramente, a vil parasitagem, os transfugas, os defectistas, os hipócritas, os exploradores e os canalhas... indicará firmemente, ousadamente, indomavelmente, o caminho a seguir para honra e proveito da Pátria — através da República.

Deus ou o Diabo nos livre de homens sem carácter — em política. Era preferível que o silêncio frio e estéril, atribuído à Lua, caísse em Portugal!

A República não se reduz a uma simples taboleta — na qual se tenha apagado uma corôa para estampar um barrêto frígido. A República tem de ser a própria alma do regime da soberania nacional — o terreno de adaptação, de cultura, de realização, de todos os princípios da democracia — a organização político-social onde progressivamente se efectivará a *igualdade* perante a lei, a *liberdade* pela ascensão do espírito à ideia da responsabilidade, e a *fraternidade*, pela florescência robusta e fecunda do sentimento da solidariedade.

Então, o primeiro, o máximo, o continuo esforço daquêle que é republicano — não será cumprir o dever de defender e impôr à República, como regime de efectivação progressiva das reivindicações sociais?

Pôde lá admitir-se — a século e meio depois da primeira República francesa e a três séculos dobados sobre a Reforma, sobre a revolta de Lutero, sobre o protesto dos cristãos contra as imoralidades da Igreja de Roma — o mais brilhante sucesso que houve no mundo, depois da revolta

de Jesus Cristo contra as prepotencias do império romano... — pôde lá admitir-se que homens civilizados, exercendo funções de sujeição de destrita obediência ao chefe da Igreja de Roma — o papa, — pretendam imperar na consciência e na bolsa dum povo, abusando da crassa ignorância que êles defendem e acarinham, porque essa ignorância crassa tem sido — através de todos os tempos — a miserável concubina que os sustenta a todos?

Pode-se lá admitir que haja criaturas apontadas como donos de tudo isto, do presente e do futuro de todos os bens materiais e espirituais dum povo — e que o são realmente — visto que teem açambarcadas todas as energias económicas — que teem, para assim dizer, o monopólio da riqueza social — permitindo-se apenas o luxo de dar, aos que produzem essa riqueza, uma miserável codea de mau pão — porque os restos dos lautos jantares atiram com êles aos cães — fazendo dos trabalhadores uma manada de negros que, ao menor capricho mandam correr a pontapé?

E onde está a Justiça?! E' lá possível que em Portugal o problema da habitação das classes trabalhadoras e proletárias seja um escarneo do civilização, ao ponto de termos de reconhecer — ainda que certos e estranhos caluniadores ás vezes nos insultem lá por fóra — que damos *incomparavelmente* mais regalias aos pretos que ocupamos nos serviços agrícolas do Ultramar, do que aos trabalhadores brancos, que no continente português, arrancam do seu esforço a riqueza, para uma dúzia de potentados — que são, afinal, os grandes exploradores do espirito e do corpo dum povo inteiro — que são os «negreiros» da moderna escravatura branca?!

A República não é, nem podia ser nunca — a não ser que fosse atraçada por inimigos perversos do bem-estar social, da saúde e dos direitos mínimos do povo, ou mal servida por individuos que tivessem feito dela fácil campo de acção para a vitória de ambição de toda a ordem e até de inte-

Caça à multa

A caça à multa é o objecto predominante em toda a cidade e concelho.

Raro é o dia ou noite, que destas habilidades se não pratiquem.

Umás vezes, por subir ou descer por esta ou aquela artéria; outras, porque êste ou aquêl individuo se descuidou e subiu ao passeio, carregado com um pequeno embrulho, para que a lama dum automóvel que passou com excesso de velocidade o não salpique; outras, ainda, por dá cá aquela a palha e a noite é propiciatória para *esfolar*... os ignorantões que consideram o Código de Posturas coisa tolerante e não letra irreverente.

E' um perfeito cancro e uma afronta feita ao honrado contribuinte.

A quem pedir providencias? Não se admite tantos tiros que ás vezes podem ser fatais para qualquer... cardíaco.

Arquivo... sem comentários

Segunda noticia inserta nos grandes diários do Porto e Lisboa, no estado da Índia foi abolida a censura pelo snr. Governador daquela nossa possessão, General Craveiro Lopes.

Segundo solicitação correspondencia para o «Comércio do Porto» foi julgado improcedente o embargo feito ao Museu Alberto Sampaio.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

—O resultado de um exame de consciência é, como o correr dos tempos, ilucidar-nos acerca dos nossos defeitos. Quando nós soubermos qual é a nossa principal fraqueza, nós poderemos impôr-nos a obrigação voluntária de a combater dia a dia.

Jules Simon.

rêsses inconfessaveis — a República não é nem podia ser jámais, legitimamente, um regime de porta-aberta à caravana dos exploradores; visto que ela foi erguida pela ideologia de todos os mártires, como a fórmula política, dentro da qual, sob uma acção permanente, progressiva, se ha-de erguer o povo do regime dos princípios da Democracia.

CARLOS BABO

De «O Povo».

REACÇÃO

Homem Cristo, o vigoroso panfletário, no seu «Povo de Aveiro» n.º 130, sob a epigrafe acima transcrita, declarou em editorial:

«Entre os republicanos com todos os seus defeitos, ainda há um fundo de idealismo, um fundo de aspirações generosas. Entre os monárquicos, à parte as recepções que já é superfluo ressaltar, *não há nada*. Entre êles e a moderna corrente das ideias há uma muralha da China impenetrável. São excrementos de Torquemada a querer aflorar à luz do sol da liberdade. Estupidamente convencidos de que os *direitos do homem* não passam duma palavra van, querem o povo escravizado, ignorante, quasi pária, e tudo submetido à sua troglodítica mentalidade. Sem nem um sentimento patriótico, não houve esforço, inda o mais indigno, que, durante a guerra, não empregassem para comprometer o país, contanto que a República ficasse aniquilada. Que o país se cobrisse de ignomínia, que o país perdesse as suas colónias, que o país viesse a pagar uma pesadíssima contribuição de guerra, era o menos. O que importava era que a República ficasse aniquilada. Isso bastaria, e que assim foi é uma *rigorosa verdade*, para que todo o português digno de tal nome *para sempre* os detestasse.

Não podendo ter impedido, como tão denodadamente tentaram, que o exercito marchasse para a França a cumprir o seu dever, logo se lançaram de cabeça na revolução de 5 de Dezembro, e uma revolução num país que está em guerra é um crime de lesa-pátria. Uma vez triunfante o Sidonismo, não fizeram outra coisa se não *conspirar contra a República* durante o consulado de Sidónio, sem lealdade nenhuma para com o próprio Sidónio, que tão ingenuamente nêles confiara.

...morto Sidónio, e ainda atraçoando a República depois de terem aceitado dentro dela altos comandos militares e ainda outros cargos de maior responsabilidade, logo proclamaram o regimen monárquico. Estabelecida a ditadura de 28 de Maio, seguiram o caminho já traçado com Sidónio. A ela aderiram invocando falsos sentimentos patrióticos como tinham feito com a ditadura de Sidónio, mas, de facto, como em relação ao Sidonismo, com o secreto desígnio de, na primeira ocasião propicia, a apunhalar pelas costas.

Não queirais repetir Monsanto. O povo de Lisboa, como da outra vez, não faltará à chamada. Haveis de o encontrar. Simplesmente, Breunus, agora, lançará a sua espada na balança. *Vae victis!* Pagareis muito caro, por alto e duro preço, as vossas tremendas responsabilidades».

**INSTRUÇÃO
E EDUCAÇÃO**

**A salvação nacional
pela acção escolar**

X

Dedicaremos o presente artigo á cooperação.

Importa que a escola moderna prepare os filhos dos trabalhadores—seja qual for o ramo da sua actividade—em ordem a poderem elevar-se pela cooperação e pela solidariedade á situação económica que durante tão largos anos tem sido usufruída por privilegiadas classes.

Ora a cooperação é a forma económica por que a união dos trabalhadores se deve manifestar na luta e conquista do capital, que a pobreza de cada um singularmente não realizará já mais.

Há resultados consoladores já a registar nas cooperativas, quer elas sejam de produção ou de crédito; de comércio, ramificando-se em compra e venda—cujo fim é commerciar como intermediária—de consumo—em que os sócios apenas visam adquirir instrumentos e matérias primas que manufacturam, comprar máquinas, sementes e adubos para a agricultura, objectos indispensáveis á vida, como alimentos, tecidos, casas, ou seja o consumo industrial, o consumo agrícola e o consumo pessoal.

Comprando por junto para vender a retalho, ou ainda pelo preço do custo e despesas inerentes, auferem sempre lucros que no final de cada exercício são rateados pelos interessados.

É um excelente meio de o nosso operariado lutar com muitas probabilidades de exito com os empresários ricos e sólidamente acreditados, na fase da grande industria que elabora um precario com que o consumidor tem de conformar-se.

Pondere-se, porém, que o estado cooperativo exige um alto grau de instrução, de educação, de moralidade, de ilustração, de resignação e de mutua confiança; e ainda que nem todas as industrias se exploram com proveito sob a forma cooperativista, nem tampouco todas as organizações administrativas tornam possíveis as empresas de cooperação.

Necessário é reconhecer muito bem o condicionalismo dos mercados e estudar a industria e as tendências dos associados.

Basta reconhecer-se que a industria centralizada dificulta enormemente os bancos populares de cooperação.

Os problemas do trabalho penetraram na investigação da consciencia; o es-

pírito scientifico desvendou origens orgánicas na humanidade em luta constante pela vida.

E daí o ter-se produzido aos primeiros rebates um antagonismo doutrinário simultâneo e irreductível, que mais e mais se vai transformando em harmonismo scientifico.

Não haja dúvidas: o equilíbrio social futuro só a escola o pode preparar pela instrução e educação populares.

A pedagogia primária não cura tão sómente de investigações e pedológicas, de estatísticas ergográficas, de regras sobre didácticas e de investigações psico-fisiológicas.

Assentou em que aos professores primários incumbe a direcção dos filhos dos trabalhadores; e por isso os modernos tratados de pedagogia primária lhes expõem como investição do seu fim, as tendências da família, as reivindicações sociais, as conquistas do sindicalismo e do cooperativismo, as teorias políticas e económicas, como índice do seu alcance práctico.

O aluno precisa tornar-se um ser moral e fisicamente perfeito quanto possível, com o desenvolvimento paralelo e integral, até á máxima potência, de todas as faculdades de um homem; e este desiderato só se alcançará, se a educação da infancia for scientifica e racional, visando a formação do carácter e o desenvolvimento da vontade.

O exemplo do professor adaptado á psicologia da infancia, nas escolas dotadas de material didactico apropriado, e ao ar livre, pois que a Natureza é o melhor livro e possui por toda a parte o melhor material didactico, inculca aos seus discipulos ideias de sciencia, de liberdade e de solidariedade.

Prof. J. F. B.

9/12/929. Continúa.

ATARANTADOS!

Não sabemos porquê, mas os monárquicos andam de véras atarantados com a união republicana.

Interrogam os seus botões acerca do que querera isto dizer e enquiçam os camaroeiros para que o barómetro não acuse altas temperaturas.

Sentem-se como os passarinhos em frente do olhar das serpentes. Nem fogem nem reconhecem perigo. Atarantados? Uma atração formidável os aproxima...

Canto de cisne os seus arroubos patrióticos!

Assina: "A VELHA GUARDA"

Conflito forense, em Braga

Por nos ter sido pedido pelo Ex.^{mo} Sr. Doutor Juiz Adelino da Silveira Costa Santos, publicamos a seguinte local:

Tendo sido chamada á Repartição da Polícia de Investigação de Braga, a testemunha Francisco Sequeira Lopes, produzida na Defeza, do Juiz Costa Santos, por mandado do Inspector policial Araujo e Sá, e ahí injuriada, ameaçada, agredida, e coagida a assinar um auto, csm o fim de inutilisar o seu depoimento, o mesmo Juiz comunicou o acontecimento ao Ex.^{mo} Ministro da Justiça, pedindo providências, e a instauração de procedimento disciplinar e criminal, comunicando também o Inspector Judicial Costa e Almeida o atentado ao Ministério Publico, para promover processo o Juiz Criminal d'aquella comarca.

Crítério estreito

Um dos maiores males da República tem sido, escusado é negá-lo, o critério estreito de certos republicanos, que pondo de parte as doutrinas da pura e sã Democracia, entendem, que fazer República, é deitar abaixo e criticar rijamente, tudo e todos que não estejam no seu grémio, ou não concordem com as suas intransigências.

Torna-se necessário que todos aquêles que sentem dentro em si pulsar um verdadeiro coração de democrata, ponham ao serviço da nação, todo o seu esforço e intelligência, para chamar á realidade dos factos, aquêles dos nossos correligionários que ainda entendem que devêmos continuar com as mesmas irritabilidades, que antecederam o 28 de Maio, e que provocaram a nossa desunião.

Não!... A hora é de esquecimento.

Basta de criticas e recriminações.

A todos temos que fazer justiça, pois que se erraram, não é vergonha confessá-lo, a culpa foi de nós todos.

Nada de amputações!...

Dêsde que se descobriu que o radium curava o cancro, em casos de gangrena, a alta cirurgia, tem de ceder o seu lugar á medicina, para tratar o doente, conforme as circunstancias aconselham, com todo o cuidado e carinho.

E já que falo em amputações, permitam que lhes conte um caso que é do meu conhecimento, e que vem muito a propósito, para reforçar a minha humilde

maneira de vêr, passado em Africa, numa das nossas colónias.

Um prêto achava-se internado n'um hospital, a tratar d'uma perna que a tinha em mísero estado. O médico, depois de o examinar, verificou que se não lhe amputasse a perna, o mais breve possível, o homem morria, pois estava já com a gangrena.

O prêto ouviu o diagnóstico do médico e logo que pôde, fugiu para a sua aldeia, pois não queria que lhe cortassem a perna.

O médico ficou furo, mas o que é certo, o prêto, talvez para lhe acalmar os nervos, passado algum tempo, voltou a aparecer-lhe, com a perna completamente curada.

O médico examinou-o novamente, verificou que de facto estava curado e enterrogou-o afim de conseguir saber, como é que elle tenha conseguido curar-se, sem ser necessário cortar-lhe a perna.

—Milângo de prêto, siô, respondeu-lhe o prêto.

Façamos como o prêto. Evitêmos as amputações.

Para isso não é necessário fugir como elle fez, basta dar-nos as mãos uns aos outros, de forma a fazer uma cadeia tão unida e tão fraternal, que sómente fiquem de fóra os nossos eternos inimigos—os monárquicos.

E com toda a força dos nossos pulmões, expremindo a máxi na alegria que nos vai na alma, saudêmos essa união de todos os republicanos, sem distincão de partidos e debaixo da unica bandeira que nos deve guiar neste momento, a bandeira da Pátria, com um unico viva:

Viva a República!!...

Albano Cruz.

ESPERANÇA

A um sincero amigo

Esta vida nem sempre é mensageira de enganos, de amarguras ou traição:—Quantas vezes coloca á nossa beira A mais ardente e terna aspiração!

Felicidade?! Quem a tem verdadeira? Quem a sentiu jamais sem ter paixão? Por vezes surge-nos tão passageira Pra nos dilacerar o coração...

*Um dia feliz hei-de ver surgir!
—A felicidade tornara a sorrir para aqueles que tanto já sofreram!*

*Trei, então, sorridente, abraçar-vos;
e com certo entusiasmo lembra-vos que as minhas mágoas se desvaneceram.*

Outubro — 1929.

João Xavier de Carvalho.

Propagai

"A Velha Guarda"

**Tripudiando da miséria:
de funcionários:**

Há certas criaturas que, pelo facto de usufruírem largos rendimentos, se julgam no direito de tripudiar da miséria daquêles a quem a ventura não lhes proporcionou tão grande felicidade.

E assim, desdenhando da necessidade dos que labutam còtidianamente para angariar o pão, somos informados que na câmara não se pagou, talvez por caturrice, as folhas de vencimentos aos respectivos funcionários, inclusivé afirmando-se que há quem se nega a assinar e a rubricar os respectivos mandados—todos ignorando por que fins!

¿Mas, então isso não será uma arbitrariedade?

¿O funcionário que vive a crédito e que precisa de pagar as dividas do mês transacto, não será um ser humano por quem devamos tributar uma certa consideração?

¿Há por acaso necessidade de o julgar escravo e bêsta de carga, negando-se-lhe o próprio alimento?

¿A quem pedir providências?

Além duma vergonha é uma imposição de autoridade que rebaxia e que merece critica mordaz.

Paguem, senhores!

O dinheiro não se fez papa estar gananciosamente aferrolhado.

**Eduardo Vieira da Cruz
Pinto de Almeida**

Do coração lhe desejamos as melhoras de sua Ex.^{ma} Esp.^a sa, fazendo votos pelo seu rápido restabelecimento, proporcionando ao nosso querido amigo e dedicado correligionário a ventura de continuar a usufruir a felicidade do seu lar.

Manuel Luís de Matos

Encontra-se gravemente enfermo o nosso dedicado correligionário, sr. Manuel Luís de Matos, pai do nosso particular amigo sr. Manuel Luís de Matos Júnior, digno aspirante da Fazenda Pública, nesta cidade. Os desejos de melhoras, são os nossos votos.

Lêr no próximo número:

Como se suicidou

o Padre Olimpio?

Pelo Repórter Z...

Rede Telefónica em Guimarães

Telefones instalados depois da publicação da lista

Numero dos Postos e nomes dos subscritores

- 58—Dr. José Joaquim Oliveira Bastos.
- 64—Benjamin de Matos & C., Limitada.
- 82—Avelino da Silva Guimarães.
- 89—Faria & Fernandes, L.da.
- 141—Associação Comercial e Industrial.
- 154—Café Oriental.
- 155—Dr. António de Jesus Gonçalves.
- 156—D. Maria Constança Martins Menezes Silva Basto
- 157—D. Emilia Martins Sequeira Braga Aldão.
- 158—Farmácia Pereira.
- 159—António Gualberto Pereira
- 160—Peixoto Rocha & C., Suc.
- 161—Dr. António Coelho da Mota Prego.
- 162—Assembleia Vimaranesse.
- 165—Antero Henriques da Silva
- 164—Quartel da Guarnição Militar.
- 165—José Francisco Carneiro.
- 156—Julio Pereira Figueiredo.
- 167—Joaquim Ribeiro Moura.
- 168—José André.
- 169—Policia Civil.
- 170—Tribunal Judicial.
- 171—Barbearia Simão Costa.
- 172—Gonçalves & Castro—Rua 31 de Janeiro, 73.
- 173—Domingos Pereira Mendes Sucessores.
- 174—Manoel Joaquim da Cunha
- 175—Auto-Garage Avenida.
- 176—Luiz Teixeira de Carvalho & Irmão.
- 177—Jacinto José Ribeiro.
- 178—Dr. João Martins de Freitas.
- 179—Escola Industrial e Comercial Francisco Holanda.

Guimarães, 4 de Dezembro de 1929.

O Chefe da Estação,
Julião Correia da Silva

NOTICIAS ESCOLARES

O quadro das Escolas Centrais desta cidade está presentemente assim constituído: C. Masculina com cinco professores e uma professora efectivos, duas professoras em comissão e uma professora interina; Central Feminina com três professoras efectivas, uma em comissão e duas interinas.

Numa e noutra escola houve desdobramento, chegando na Central Masculina até 45.ª classe.

Pelo Ex.º Inspector Chefe da Região Escolar já foi aprovado o terreno para a construção de um edificio escolar em Urges, a expensas de uma benemérita senhora.

No Centro Republicano é ministrada pelo Ex.º Sr. Tenente Cruz a educação física aos alunos matriculados na escola que ali funciona.

Lembram-nos a conveniência de chamarmos a atenção de quem de direito para o facto seguinte:

Nalgumas dependências da antiga Inspeção de Circulo Escolar desta cidade funciona uma espécie de sub-secretaria de expediente e outros serviços que se relacionam com os da instrução sob a superintendência de um amanuense da Inspeção da Região Escolar de Braga.

Já é de estranhar que reclamando com tanta justiça os professores a residência que tanto os onera em casas arrendadas; haja aposentos para isto mas mais reparável é ainda fazerem daqueles aposentos salas de reunião nocturna, verificada como está que a altas horas da noite dali saem lado a lado uns senhores com mulheres de baixa condição moral.

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Nesta cidade, esteve na passada 4.ª feira, o nosso querido director e presado correligionário, sr. Vitorino Simões Lopes Sampaio abastado proprietário de Infias, a quem tivemos o prazer de abraçar.

Nascimento

Deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a dedicada esposa do presado correligionário e editor do nosso jornal, sr. Alcindo Dias Perreira, abastado proprietário da freguesia de Guardisela.

Mãe e filho encontram-se bem. Os nossos cumprimentos.

FALECIMENTOS

Dr. Armando Mascarenhas

Vitimado pela terrível tuberculose, faleceu o Dr. Armando Mascarenhas, abalisado clinico na Póvoa de Lanhoso, filho do nosso particular Amigo e presado correligionário, sr. Capitão Artur de Sousa Mascarenhas, morador na freguesia de Gonça.

Ao pai e Ex.ª Família, os nossos sentidos pésames.

Manuel Cosme

Em Vila Real, onde residia, faleceu o reputado e antigo alquilador Manuel Cosme, que nesta cidade gosava de gerais simpatias.

O seu funeral que se realizou na passada 2.ª feira, constituiu uma grande manifestação de saudade, tendo a êle assistido muitas pessoas não só de Guimarães mas também de fóra da terra.

Ficou sepultado no cemitério d'Atougia.

A «Velha Guarda» sentindo profundamente a sua morte, endereça à Família sentidos pésames.

António dos Santos Castanheira

Muito novo ainda, faleceu este dedicado republicano que, por motivos políticos, se achava separado do seu cargo.

Deixa viuva e 2 filhinhos. A Família enlutada, as nossas sentidas condolencia.

RIBEIRO, FILHO

ALFAIATE

Participa aos seus amigos e clientes que acaba de receber grande quantidade de casimiras para fato e sobretudo, para a presente estação, os quais vende, como sempre, ao preço mais limitado ao mercado.

No vosso próprio Interesse : : : não comprais : : : sem primeiro visitar esta casa

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 12 do próximo mês de Janeiro, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial de esta comarca, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, e nos autos de carta precatória para nomeação de loutador avaliação e arrematação de bens, vinda da comarca de Lourenço Marques, extraída dos autos de execução em que é exequente Joaquina Ferreira da Cunha e executado José da Silva Mendes Guimarães, vão ser postos em praça e vendidos em hasta publica, pelo maior lance oferecido acima da sua avaliação, as seguintes partes de prédios:

A duodecima parte de uma propriedade denominada Boa Vista, sita na freguesia de S. Claudio do Barco desta comarca, com parte de uma morada de casas construída de pedra e cal, telhada e sobradada, com cosinha, salas, quartos e loja e terre-

no de cultura com arvores de vinho, de fructas diversas e com ramadas tendo ao norte uma casa térrea e telhada para caseiros e com um poço com bomba de ferro e tanque de pedra, separado, tudo vedado por parêde e tendo contiguo; ao poente, um terreno aberto em triangulo, atravessado por dois caminhos carrais e ainda composta de um caminho, denominado de Baixo, com uma oliveira e uma cerdeira e terreno de mato com eucaliptos e pinheiros, tudo junto e contiguo. Avaliada na quantia de 3:375\$00.

O direito e acção á duodécima parte de uma leira de mato no monte do Argaço, que também é conhecido por monte de Baixo, com eucaliptos, sita nos limites d'aquêle lugar da Boa Vista. Avaliada na quantia de 58\$34.

O direito e acção á duodécima parte que o executado tem no seguinte prédio: A chã de Barreiros, terreno de mato sito com a sua denominação, na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros. Avaliada na quantia de 175\$00.

Os referidos prédios acham-se descritos na conservatória desta comarca sob os n.ºs 32.626, do L.º B—91 e 19.114 do L.º B—50

Pelo presente são citados quaesqueres crédores incertos do executado.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1929.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. A. Cunha

O escrivão do 1.º officio,
Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

Os meus contos

Por L. COELHO.

O céu tinha a côr cinzenta do chumbo e a névoa tornava baço o horisonte.

Farrapos de nuvens, sujeitos, avançavam lá no alto em vertiginosa carreira, arrastados pelo sudoeste, numa cavalgada fantasmagórica e horrenda...

A terra, espelhando água estanca, impressionava como falésia baixa que fóra batida pelas ondas de mar revólto, em maré viva as mais fundas deixando ainda vêr o tom esverdeado da herva enquanto que, pelos cômoros, as violêtas cerravam de magia as suas pétalas de paixão.

O frio era agreste, cortante, e regelava os rebentos aveludados das arvores, como se elles fossem corpos

desnudados de mendigos que, pelos caminhos, se dirigissem ao rico em demanda do pão que lhes mitigasse a avidêz dos seus estômagos comprimidos naquelas barrigas agarradas ao espínhaço, verdadeiramente esgalgadas e sem ceva...

As arvores, completamente despidas, pareciam erguer aos céus os ramos desganhados como carpinto a tristeza de se verem reduzidas ao grotêsco, e, talvez, com saúde dos zz da folhagem em contacto friccioante...

Pelas cargas, o amarelo da flôr do tójo desaparecia sôb a espuma branca das águas que das montanhas vinham saltitando em perdição de escorros, e, ali, não

passava viv'alma que não sentisse espadanada a cinta pela velocidade da torrente.

Nem uma nêsga de sól que bafejasse o sombrio da paisagem!...

O Queixada era um moçetão trabalhador e sadio. Creádo na lavoura, com pouco mais de 25 anos, a mobilisação viera apanhá-lo quando a cabeça principiava de andar-lhe á roda, a esperança na promessa feita ao seu namorico e o desejo de ir amanhar as terras do fidalgo da Bouça de Cima.

Alto, cabelos loiros e vermelhidão nas faces, a arca do seu peito estiolava-se pelo ventre, e, a cada expiração, subia até quasi esconder-lhe as grossas cordoveias do pescoço, de abaulada que se punha. Espadaúdo, o peito cabeludo e trigueiro, esgouviado de

pernas e de braços de atleta, nunca tivera pegas com os da sua ugalha nem mesmo em rapaz.

Submisso até mais não, as reprimendas dos seus patões nunca feriram de mais grave os seus ouvidos. Cumprira sempre o seu dever muito embora nenhuma educação tivesse tido e fóra sempre respeitador como aquêles que mais o são.

Pôsto a servir aos sete anos, só conhecera aquêla casa onde vivia, e pensava deixá-la agora por aquêlê instinto de ambição que é próprio nos homens scientes de valôr do seu trabalho.

Os seus olhos azulados, vivos debroados por enormes pestanas, com a bem traçada curva das sobrancelhas, lembravam de serênos os olhos de pensativos bois em carriada; e o esboço de sorriso que contraía, revelava toda a franquesa da

quela alma rude e sem mácuia.

Ele era daquêles que não despresava o velho rifão: «junta palha como oiro, e terás oiro como palha» (1) —e dava gôsto vê-lo de jaquetão ao ombro, de colête de pelúcia, calça de fantasia e chapéu braguês, a corrente de oiro dividida em fios e com a meia libra do estilo, bota de prateleira e a faixa nêgra em volta da cinta, todo pontinho em branco, á porta do adro da igreja em dia de missa.

Dizia-se a meia voz que êle era o «rei dos homens» e alguém assegurava que cachopa que fósse com êle averbaria umas quarenta moedas ao dote que levasse.

Continua.

(1) «Tradições e Usanças populares»—Alberto V. Braga.

Para os amadores de T. S. F. e Gramofones

Se quereis ouvir bons concertos, adquiri os produtos

PHILIPS

Melhorai a intensidade e a qualidade da vossa recepção, empregando os aparelhos "PHILIPS"

A "PHILIPS" apresenta o novo aparelho ANODON (modelo 3003),

que substitue as pilhas sêcas. Os seus ALTO-FALANTES

são os melhores, assim como todos os produtos da "PHILIPS"

EM GUIMARÃES INFORMA:

Bernardino Jordão, F. & C.